



ALBERTO A

Caixa postal 34031
Rio de Janeiro, RJ
22462 - 970, Brasil

ISSN 0103-4944

Série Urticineae (Urticales)

janeiro de 2001

Nº 3

MORFOLOGIA DE CERTOS SICÔNIOS DE *FICUS* (MORACEAE)

Luiz Emygdio de Mello Filho¹, Léa de Jesus Neves¹,
J. P. P. Carauta² & B. Ernani Diaz³

¹ Museu Nacional-UFRJ, Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro, RJ, 20940-040

² Caixa postal 34031, Rio de Janeiro, RJ, 22462-970

³ Escola de Engenharia-UFRJ, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, RJ, 21949-900

RESUMO – São apresentadas expressões específicas para diversos tipos de brácteas que ocorrem dentro e fora dos sicônios das espécies de *Ficus* (Moraceae), a saber: *tegilo* - bráctea de envolvimento de figos geminados jovens, *hipobráctea* - bráctea da parte inferior do pedúnculo, *epibráctea* - bráctea encostada na base do sicônio, *orobráctea* - bráctea do ostíolo, *bractéola* ou *bractela* para a bráctea do interior do sicônio.

ABSTRACT – Morphology of some syconia of *Ficus* (Moraceae). Specific designations for the different types of bracts are presented, which exist inside and outside the syconia of the species *Ficus* (Moraceae). They are: *tegillum*: enveloping bract of twin young figs, *hypobract* - bract located in the lower part of the peduncle, *epibract* - bract located at the fig base, *orobract* - ostiole bract, *bracteole* or *bractlet* - bract located inside the fig.

INTRODUÇÃO. Ao pesquisar as espécies de *Ficus* (Moraceae), sentimos necessidade em nomear certos elementos morfológicos, pois os termos técnicos atuais não especificam alguns elementos que de fato ocorrem nos figos.

O sicônio (1, 9), mais popularmente chamado de figo, é um cenanto fechado, ao contrário do cenanto aberto das espécies do gênero *Dorstenia*. As flores são proteróginas (5), ou seja, formam-se primeiro as flores femininas. Nesta fase, também chamada de receptiva, as escamas do ostíolo tornam-se flácidas, possibilitando a entrada da vespa polinizadora. As flores femininas normais são numerosas, sésseis ou curtamente pediceladas, de estilete longo. As flores galígenas (2), com pedicelo curto ou longo, possuem estilete curto. Há também mais raramente uma flor intermediária entre a feminina e a galígena, com estilete mais curto do que a normal e estigma mais semelhante ao da galígena. Ao procurar a flor galígena para depositar o

seu ovo, a vespa poliniza a flor feminina e os óvulos são fecundados. Na fase masculina eclodem as vespas, que saem levando os grãos de pólen. Entre as flores masculinas com 1 a 3 estames, ocorrem bractéolas (3, 7, 8) ou bractelas (4). Há também flores masculinas com rudimento de ovário; flores neutras sem função sexual, mas com rudimento de ovário, flores neutras com estaminóides e flores neutras reduzidas simplesmente a segmentos sepalóides. A diversidade morfológica das flores do interior do sicônio é espantosa e nem chegamos a descrever todas elas.

Os indivíduos que serviram de base para este trabalho foram todos herborizados no Brasil e se encontram depositados nos herbários GUA, HB, R, RB.

RESULTADOS. Nas espécies de *Ficus* (*Urostigma*) ocorrem dois figos unidos na axila das folhas, ao contrário de *Ficus* (*Pharmacococcysea*) com um único, na maioria das vezes. Em certas espécies o sicônio é protegido por uma bráctea em forma de touca, para a qual propomos o nome novo de TEGILO, do latim *tegillum* = pequeno capuz. Ela é caduca e na maioria das vezes a excisada não a apresenta. O nome espata seria inadequado por causa da forma triangular-transversa-cuneada do tegilo, assim como o termo caliptra que pressupõe uma proteção completa, como na ponta da raiz. O termo tegilo é mais preciso porque espata diz respeito à forma da espada, ou espátula; tudo bem distinto. Os amentos ou amentilhos das espécies de *Cecropia* são protegidos por uma estípula espatácea, bem diferente do tegilo.

No figo encontramos outras brácteas diferentes, como as que ficam inseridas no pedúnculo muito abaixo, às quais chamaremos de HIPOBRÁCTEAS, como em *Ficus tomentella*; brácteas inseridas logo abaixo do sicônio, às quais chamaremos de EPIBRÁCTEAS, como em *Ficus clusiifolia*; e brácteas na abertura ou umbigo ou ostíolo do sicônio, às quais chamaremos de OROBRÁCTEAS. Às brácteas de dentro do sicônio já são conhecidas como bractéolas (3, 7, 8) ou bractelas (4), como referimos acima.

CONCLUSÕES. Propomos estes novos termos morfológicos para descrições dos sicônios das espécies de *Ficus* (Moraceae): TEGILO, bráctea que recobre os sicônios geminados ainda imaturos; HIPOBRÁCTEA, bráctea inserida no pedúnculo muito abaixo; EPIBRÁCTEA, bráctea inserida bem abaixo do figo e encostada na sua base; OROBRÁCTEA, bráctea do ostíolo do sicônio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, V. M. de M. & DAMIÃO FILHO, C. F. *Morfologia vegetal*. FUNEP, Jaboticabal, 1989, 1-259.
2. CARUTA, J. P. P. *Ficus* (Moraceae) no Brasil: conservação e taxonomia. *Albertoa* 2: 1-395, 1989.
3. FERRI, M. G., MENEZES, N. L. & SCANAVACCA, W. R. M. *Glossário de termos botânicos*. Dep. Bot. Univ. São Paulo, 1969, 1-200.
4. FONT QUER, P. *Dicionário de Botânica*. Edit. Labor, S.A. Barcelona etc, 1953, 1-1244.
5. MELLO LEITÃO, C. de. *Glossário Biológico...* ed. 2, Cia Ed. Nac. São Paulo etc, 1946, 1-646.
6. STEARN, W. T. *Botanical Latin*. David & Charles, Newton Abbot, 1973, 1-566.
7. VASCONCELLOS, J. de C., COUTINHO, M. C. P. & FRANCO, J. de A. *Noções sobre Morfologia externa das plantas superiores*. Min. Economia, Lisboa, *Série Estudos e Informação Técnica* 25:1-227, 1969.
8. VASCONCELOS SOBRINHO. *Dicionário de termos técnicos de Botânica*. Recife, Escola Sup. Agr. Inst. Agron. Pernambuco, ed. 2, 1945, 1-253.
9. VIDAL, W. N. & VIDAL, M. R. R. *Botânica - Organografia, quadros sinóticos ilustrados de Fanerógamos*. Univ. Fed. Viçosa, ed. 3, 1983, 1-114.

NOTA

POR QUE SÉRIE URTICINEAE (URTICALES) DA ALBERTOIA ?

Urticineae foi bem descrita como família por Miquel (*Flora Bras.* 4(1):78, 1853) e como ordem por Engler (*Syllabus* 95, 1892), embora a prioridade recaia em Lindley (*Nix. pl.* 25, 1833). O Grupo de Filogenia das Angiospermas (Angiosperm Phylogeny Group, *Ann. Miss. Bot. Gard.* 85:531-553, 1998) passou a considerar *Urticales* como incluído em *Rosales*, assim como Soltis & al. (*Bot. Journ. Linn. Soc.* 133(4):381-461, 2000). Judd, Campbell, Kellog & Stevens (*Plant Systematics a phylogenetic approach*, 290-306, 1999) aceitaram *Urticineae* como subordem das *Rosales*. Muito interessantes foram as conclusões de Bass, Wheeler & Chase (*Bot. Journ. Linn. Soc.* 134(1/2):3-17, 2000) sobre a anatomia das *Urticales* na página 8: "Urticales were an unusually coherent group anatomically".

Urticales apresenta-se, sob vários aspectos, como um todo único e distinto das demais Angiospermas. Enquanto os sistematas discutem a respeito do seu posicionamento, achamos de bom alvitre publicar estudos originais sobre as espécies das famílias do sistema engleriano - *Ulmaceae*, *Moraceae* e *Urticaceae* - antes que estas plantas neotropicais se extingam na Natureza ou desapareçam da face da Terra. Por tradição e conveniência manteremos o nome clássico de *Urticineae*, presente na *Flora Brasiliensis* de Martius, em 1853; e agora em Judd & al., *loc. cit.*, 1999.

J. P. P. Carauta & B. Ernani Diaz

Caixa postal 34031, Rio de Janeiro, RJ, 22462-970

CRÔNICA

ALBERTOIA COMEMORA 15 ANOS

Iniciada em 15 de janeiro de 1986, o periódico *Albertoia* saiu com pelo menos um número por trimestre, tendo publicado até hoje 82 números, sem contar os vários suplementos e anexos, alguns com mais de 50 páginas. De setembro de 2000 em diante passaram a surgir séries por assunto, a começar com a série *Urticineae* (*Urticales*).

Alberto Castellanos (1896-1968), um dos homenageados no título da *Albertoia*, foi biografado por seu aluno Fuad Atala (Correio da Manhã, 1º caderno, 15 de setembro de 1968) e daí transcrevemos algumas frases: "Há dez anos ele estava no Brasil, mas sua integração transcendeu o tempo: pesquisando, formando alunos, trabalhando com um vigor e uma disposição invejáveis plantou sementes frutíferas, configuradas em dezenas de alunos seus que hoje ocupam posição de destaque nas pesquisas botânicas do Museu Nacional, do Centro de Conservação da Natureza do Estado e do Jardim Botânico do Rio... Aqueles que conviveram com D. Alberto - como alguns o chamavam - guardarão por certo, de sua personalidade, aquela firmeza de espírito, um quase obsessivo rigor científico e a timidez típica dos corações de grandes gestos... Esse espírito severo e grave, formado na melhor tradição humboldtiana, era também um fino satirizador e um elegante *causeur*. Seus ditos e críticas cheias de humor dariam uma antologia à parte... O sentido de renovação que imprimiu à pesquisa botânica, com seu método direto ("Estude a Natureza, não os livros" - repetia, citando Lineu), as novas turmas que orientou e plasmou são o fruto mais duradouro e benéfico que terá deixado entre nós..."